



Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braille – SPLEB

SEDE PRÓPRIA ■ Rua Tomaz Coelho,51 ■ Vila Isabel ■ Rio de Janeiro ■ RJ ■ Brasil

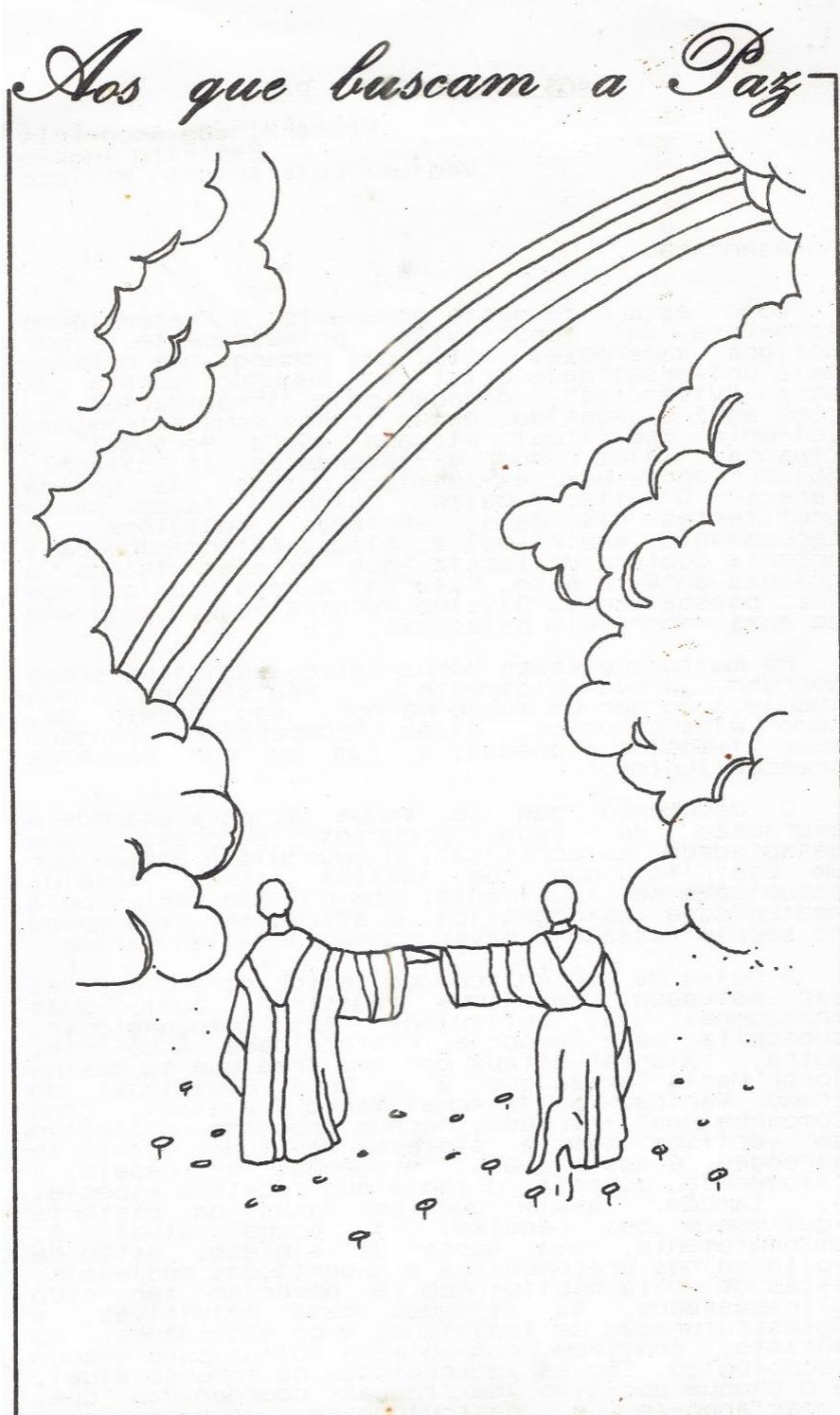
CEP 20540-110 ■ Tels.: Geral: (21) 2288-9844 ■ Administração: (21) 2208-4989

CNPJ 33.997.560/0001-11 Insc. Mun.: 07.702.285 ■ Site: www.spleb.org.br

E-mails: spleb@spleb.org.br ■ atendimento.spleb@gmail.com ■

PIX: tesouraria@spleb.org.br

Declarada de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal



AOS QUE BUSCAM A PAZ

Fraternidade Arco-Íris

Espírito: Ângelo

Médium: Luiz Antonio Millecco Filho

Mensagem recebida em 1992, na SPLEB (Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braille)

Apresentação

Como está dito neste documento, a Fraternidade Arco-Íris foi constituída, primeiramente, por antigos sacerdotes católico-romanos que optaram pela universalidade crística. Segundo consta da obra “Vivências Vol.1”, ditada pelo irmão Marius ao mesmo médium, e, como aqui é repetido, esses irmãos construíram uma Colônia Espiritual situada entre Portugal e Espanha. Além dos ex-sacerdotes já citados, colaboradores uns, ex-inimigos outros, da grande Tereza D’Ávila, dessa Colônia fazem parte profíctes das mais variadas religiões. O agrupamento espiritual é, aliás, patrocinado pela própria doutora da Igreja que o supervisiona e orienta do Mais Alto. Esta foi a revelação que nos fez, pessoalmente, Divaldo Pereira Franco, após uma de suas memoráveis palestras.

Há muito que esses companheiros espirituais nos abordam mediunicamente. Registramos sua inquietação por um mundo melhor, seu desejo de, como eles próprios dizem, “compartilhar conosco suas vivências e quedas, a fim de que possamos crescer juntos”.

O documento que se segue é, para usarmos a expressão de seus próprios autores, “uma desapiedada autocrítica”. O opúsculo é ditado por um Espírito que se assina irmão Ângelo; comunicava-se, igualmente, com o irmão Marius pela mediunidade psicográfica e afirma ter sido monge no século passado e haver conhecido Allan Kardec.

A guisa de ambientação do leitor para o que vai ser estudado, desejamos registrar aqui, duas mensagens: uma, intitulada “Aos Companheiros”, subscrita pela própria Fraternidade Arco-Íris; outra, “Alerta”, ditada por uma irmã que se assina Sórora Maria Tereza, que é o Guia Espiritual do irmão Marius, o Marechal Mario Travassos.

“Aos Companheiros”

“Irmãos, nenhum processo evolutivo se verifica sem a síntese de tudo quanto se aprendeu, é assim que a ontogênese repete a filogênese, ou seja, o indivíduo repete a espécie; é, também, assim, que os fatos da História igualmente se repetem. A época atual é, eminentemente, uma época de síntese: estão de volta velhos preconceitos e superstições medievais, estão de volta hábitos que já deveriam ter sido ultrapassados. As atitudes mais primitivas, a desestruturação de indivíduos e coletividades, no entanto, convivem com o mais sofisticado avanço tecnológico. São as contradições do momento atual, é o choque decisivo de forças descoordenadas que, impactando-se e destruindo-se, propiciarão o advento de uma Nova Era. Estamos trabalhando ativamente para diminuir e, se possível, neutralizar o efeito de todas essas convulsões e solicitamos o vosso concurso através de um trabalho igualmente perseverante, através da prece, através da meditação. O momento é grave, é decisivo, é solene. Há que trabalhar para que os verdadeiros valores afinal se implantem, há que trabalhar para que se perceba a união intrínseca já existente entre todos os seres do Universo; há que trabalhar para que, realmente, o mundo novo se estabeleça, não o mundo novo prometido pela ciência racional positivista, mas o mundo novo que começa no íntimo de cada um.

Que estejamos juntos neste trabalho e o Cristo fará por nós o que não pudermos fazer.”

“Alerta”

“Filhos, que os homens do vosso Planeta preparam-se para, em reunião, estudar os problemas do meio ambiente e, como não pode haver ecossistema sem o Homem, certamente, pensarão eles nas formas de desenvolvimento escolhidas até agora, nos procedimentos que caracterizam as sociedades humanas até os nossos dias.

Será uma espécie de visão panorâmica do que tem sido a Humanidade, para que se queimem etapas, para que os caminhos sejam trilhados sem necessidade de grandes pedras ou obstáculos, mas é preciso que os homens sejam sinceros, é preciso que desejem, realmente, renovar o Planeta, fazer com que ele seja mais habitável. É preciso, filhos, que nesse conclave não se consolidem a miséria de uns e o lucro de outros, que ninguém saia dele enfraquecido, que o mundo emergja desses dias mais justo, mais humano, mais Crístico. Pode parecer-vos supérfluo estarmos falando a esse respeito, não é por acaso que o fazemos: queremos conclamar-vos a preparar, dentro de vós, esse advento. Há uma sincronicidade entre as coisas do plano físico e as coisas do Plano Espiritual. A par do exame coletivo que se vai fazer a respeito

do que se passou no Planeta até aqui, fazei vós, também, o vosso exame de consciência, fazei vós, também, uma retrospectiva do que tem sido vossa vida, desde que viestes ao mundo, se possível fora, até os dias atuais. Que desde já possais ir realizando o inventário de vossa caminhada: como tem sido ela, quais os pontos positivos, quais os pontos que necessitam de reparos, que será preciso ser estudado, aperfeiçoado, aprofundado. Viveis momentos decisivos e é de maneira decisiva que vos cabe proceder. Dizemo-lo a vós e a nós mesmos - a hora é de reflexão serena: reflitamos e tomemos nossas posições.”

Possa o médium ter sido o mais fiel possível ao pensamento desses companheiros e possam os leitores ser tocados por esse verdadeiro exame de consciência.

Luiz Antonio Millecco Filho

Nota do Médium: A mensagem, como se vê, refere-se a ECO-92, então em preparo.

I) QUEM SOMOS?

Somos a Fraternidade Arco-Íris. Constituímos uma Colônia Espiritual situada entre Portugal e Espanha. Nosso objetivo é erradicar o obscurantismo de dentro e, se possível, de fora de nós; reeducamo-nos para uma vida de maior universalização interior, de mais profunda comunhão com Deus e com o mundo. Por que escrevemos? Segundo o calendário terreno comemoram-se 500 anos da Descoberta da América. Muitos de nós participaram destas descobertas; alguns estiveram entre os chamados selvagens oprimindo-os, impondo-lhes a religião pela força, “catequizando-os” e, em muitos casos, escravizando-os. Alguns desses colonizadores reencarnaram e outros ainda estão ainda reencarnados entre os chamados indígenas, para aprenderem com eles os segredos da vida comunitária, alguns mistérios da Natureza e para aprender com a vida, que a liberdade é um bem precioso e que não se pode oprimir o próximo; e que essa opressão é ainda mais odiosa quando exercida em nome de Deus.

O mundo vive um dos momentos mais dolorosos, solenes e decisivos. É doloroso o momento porque dores superlativas se abatem sobre as coletividades terrestres, como resultado inevitável de milênios e milênios de equívocos, de omissões; é solene o momento, porque não se trata mais, apenas, da queda de grandes impérios. Os meios de comunicação, através da tecnologia, cada vez mais transformam o mundo em um só. As quedas de uns,

são quedas de todos, a edificação de uns é a edificação de todos; é decisivo o momento, porque um poderoso impulso magnético e espiritual se derrama sobre a aura da Terra. Se soubermos, em rigoroso e honesto exame de consciência, reformular a Civilização, se conseguirmos interromper o curso de nossa História, refletir sobre ela e repensá-la, é bem possível que ainda nos seja dado realizar profundas transformações, sem que a elas nos conduza a vida, através do sofrimento.

Em razão disso, em razão da gravidade da hora que passa, queremos compartilhar com os homens as nossas vivências, as nossas quedas, a fim de, juntos, aprendermos com elas, e, com elas, nos reerguermos.

Que o Senhor nos abençoe e que estes modestos ditados possam fazer com que reflitamos juntos e, juntos, retomemos a jornada evolutiva.

II) QUE ERA O MUNDO DO NOSSO TEMPO?

A igreja Cristã acabara de sofrer uma série de perseguições e, agora, era reconhecida pelo Estado. Constantino a elevara ao nível de Instituição oficial e ela começou a embriagar-se do poder. Aos poucos, o espírito do Cristo que ainda circulava livremente entre os apóstolos, que incendiava o coração de todos, foi sendo substituído pela letra dogmática, pela opressão, pela intolerância e pelo obscurantismo. Surgiram, é claro, reações, porque toda ação corresponde a uma reação igual e contrária. Em nome da luta contra os infiéis, os cristãos promoveram Cruzadas e os maometanos a Guerra Santa ou Jihad. Além de empreenderem as Cruzadas, os cristãos expandiram-se pelo mundo: África e América foram por eles visitadas, ou melhor, invadidas; essa invasão estendeu-se, também, a alguns pontos do Oriente. O Cristianismo foi, então, em alguns locais, nitidamente imposto pela força e, em outros, por uma persuasão mais ou menos branda, todavia, mesmo aí, a força não deixava de obrar como pano de fundo, por mais brandos fossem os chamados colonizadores. Alguns povos foram submetidos, claramente, à escravidão: da África vieram para as Américas pessoas que foram tratadas como animais, pessoas que foram vendidas, torturadas, marcadas a ferro e fogo, separadas de seus filhos, quando não morriam nos horrores dos navios negreiros. E a Humanidade foi dividida por nós de maneira muito simples: de um lado, nós os “cristãos”; de outro, eles, os “hereges”; de um lado nós, os “salvos”; de outro lado, eles, os “condenados ao inferno”, a menos que lhes estendêssemos a nossa mão “redentora”, “salvadora”. Veio a Renascença e, com ela, a reforma: que foi, porém, a Reforma? Evidentemente, alguns cristãos bem-intencionados insurgiram-se contra os abusos da Igreja Oficial, levantaram-se contra ela e foi deflagrada a guerra religiosa, não mais entre os cristãos e os hereges, mas entre os cristãos e os cristãos. Ambos os lados

anatematizando-se mutuamente, cometiam atrocidades recíprocas; ambos os lados reivindicavam para si o privilégio da Salvação; uns apelavam, principalmente, para a eficácia dos Sacramentos, outros contra-argumentavam com a suficiência do sangue de Cristo; como quer que fosse, consciente ou inconscientemente, ambos julgavam-se, como dissemos, com a propriedade exclusiva da salvação, e ambos, reciprocamente, se consideravam malditos. Essa cizânia, em que nada se coadunava com o espírito do Cristo, essa luta fratricida que ora se desenrolava no terreno das ideias, ora utilizava as próprias armas, acabou por gerar o monstro do materialismo. Esse monstro se foi insinuando, aos poucos, na mente humana; surgiu em nome de um direito sagrado e divino, a liberdade. Era necessário que ele viesse, porque a nossa infalibilidade precisava ser posta em xeque e a nossa hipocrisia requeria um completo desmascaramento.

Mercê de Deus, o direito sagrado ao livre exame, ao livre pensamento, à livre manifestação das ideias se foi propagando cada vez mais. Veio a Revolução Francesa: - Igualdade, Liberdade e Fraternidade, todavia, o Homem é filho dos extremos: ou está mergulhado no extremo do fanatismo religioso, ou se deixa envolver pelo extremo do ceticismo e da franca oposição a todas as crenças. Foi o que aconteceu durante a Revolução Francesa. Veio a era do terror e nem mesmo a religião foi poupada nesse período. O sentimento religioso, porém, é uma espécie de “instinto superior da alma”; tente-se sufocá-lo e ele ressurgirá de alguma forma; tente-se amordaçá-lo e ele continuará gritando, ainda que seus gritos não sejam registrados pelos ouvidos comuns, mas apenas por aqueles que sabem ouvir.

III) QUE ACONTECEU E QUE ACONTECE NO MUNDO ATUAL?

Após a Revolução Francesa, com a ascensão da burguesia, surge e se incrementa a Revolução Industrial. As monarquias, quando não são de todo aniquiladas, revestem nova forma, são constitucionais, respeitam os direitos do povo; o rei não é mais senhor absoluto de nações e de almas, antes, é o juiz, é o intermediário entre o povo e seus governantes, mas não param, aí, os anseios de justiça social, os anseios de progresso, de crescimento intelectual, humano e espiritual. O homem quer saber, quer poder, quer ser; as religiões caducas são como castelos de cartas que se desmoronam; o Positivismo se impõe como ciência, mas, também ele acaba por limitar a inteligência humana, acaba por criar limites rígidos entre o cognoscível e o incognoscível, como se o ser humano não passasse, efetivamente, de um feixe de carne e ossos a aniquilar-se com a morte, como se não houvesse no ser humano o anseio pelo Infinito. E o Positivismo parecia tudo dizer e proclamar como Verdade absoluta - adeus às antigas crenças, na sobrevivência, na imortalidade da alma; Deus não pode ser provado, medido, cheirado, analisado, logo não existe, ou, pelo menos, não se lhe pode constatar a existência. Enquanto isso, no mundo

metafísico, místico e espiritual esboçam-se reações vigorosas; Oriente e Ocidente são sacudidos por ideias trazidas por missionários, que relembram aos homens a necessidade do amor, o respeito que devem a todos os Instrutores Espirituais; por outro lado, em Hydesville, se deflagra uma verdadeira revolução: os próprios mortos voltam ostensivos, quase arrogantes, para afirmar que continuam vivos. E os fenômenos se espalham por todo o mundo: é uma revolução sem armas e sem sangue, capitaneada pelo próprio Cristo. Chegados os tempos de maturação, os fenômenos arrefecem e o Plano Espiritual se preocupa em ministrar aos homens, novos e antigos conhecimentos; as doutrinas secretas das Escolas Iniciáticas ressurgem simplificadas e revigoradas, as velhas verdades, conhecidas desde sempre, saltam, agora, aos olhos de todos e, diante delas, o Homem fica atônito - que fazer? Apelar para o demônio, apelar para a transmissão de pensamentos, apelar para quantos sofismas sejam necessários, a fim de evitar-se a Verdade? Ela, a Verdade é, no entanto, perseverante e teimosa: tente-se sufocá-la aqui, e ela ressurgirá ali; tente-se abafá-la ali, e ela reaparecerá acolá; os homens jamais poderão evitá-la, ela os perseguirá e acabará por surpreendê-los, se não quiserem buscá-la por seus próprios esforços; no entanto, igualmente perseverante é a preguiça humana, essas ideias tinham de ser combatidas. Houve um recuo aparente de seus adversários, após o fracasso da Metapsíquica para explicar os fenômenos. Enquanto isso, o mundo se agitava, a velha Europa conturbava-se com lutas intestinas, a Igreja, que se dizia cristã, estratificava-se nos seus pontos de vista e parava no século XVI. Caminhando na contramão da História, ela procurava anestesiar os espíritos, contê-los, amordaçá-los, e os homens mais e mais se desorientavam, e duas grandes guerras sacudiram a Europa e o mundo todo. Já no final de uma dessas guerras, a primeira, a Rússia é palco de acontecimentos que repercutiriam no mundo por várias décadas: sua revolução pretendia implantar a justiça social a ferro e fogo; a religião, diziam eles, é ópio do povo; deixemos o Céu às aves e a Terra aos homens. Há que fazer, aqui, um sério exame de consciência, uma honesta e desapiedada autocrítica. Foram os cristãos, fomos nós, os responsáveis por esses acontecimentos. A ideia de justiça social palpitava, subjazia nos revolucionários, mas havia também, neles, muito ódio aos poderes estabelecidos, quer esses poderes se encastelassem no capital, na estrutura da sociedade, ou na religião e, efetivamente, nós nos acumpliciamos com o poder, com um poder tirano, corrupto, sanguinário e, de fato, nós voltamos as costas Àquele a quem dizíamos seguir e que, igualmente, lutou por um Mundo melhor, por um Homem melhor. A religião que praticávamos era, de fato, ópio do povo, porque com ela anesthesiávamos a massa; com ela favorecíamos os poderosos, com ela oprimíamos os pequeninos e os engodávamos com a promessa do Céu. Como os revolucionários da França, os da Rússia, que, então, se transformava em União Soviética, tentavam varrer do coração e da mente dos homens os sentimentos e os ideais da religião. Que obtiveram eles ao revés? A adoração de Deus foi substituída pelo culto a Stalin, Lenine ou

Mao-Tsé-Tung. O sentimento, porém, era o mesmo, canalizado noutra direção e, à força, ele persistia. O Marxismo-Leninismo, embora infinitamente mais generoso que o Cartesianismo ou Positivismo, não satisfazia em plenitude ao coração humano. O Estado, que devia estar a serviço do Homem, tornou-se o seu tutor e senhor; por outro lado, de que modo reagiram os chamados defensores da Civilização? Após a primeira grande guerra, os vitoriosos, empanturrados de falso triunfo, espezinharam os vencidos, humilharam-nos, submeteram-nos ao vexame, à pobreza; de tal situação se aproveitaram forças tenebrosas e diabolicamente inteligentes dos dois planos: o Visível e o Invisível, para arquitetarem a geração de um monstro ideológico, esse monstro, qual Esparta ressurgida, ensanguentou o mundo. Com ele, reaparecia, também, a antiga Roma dos Césares, falando da cruz, mas empunhando a espada, proclamando o nacionalismo, mas ignorando todo o mundo em prol de suas ideias expansionistas. Essas mesmas ideias medravam no Extremo Oriente e o mundo mergulhou na mais terrível de todas as calamidades, a guerra fratricida que chegava ainda uma vez.

IV) O FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Em maio de 1945, segundo o calendário terreno, o incêndio terminava na Europa, mas suas chamas crepitavam, ainda no Extremo Oriente, até que, em agosto, tentaram apagar o fogo com o fogo. Homens da ciência, quais feiticeiros de sempre, usaram mal as forças da Natureza e, desintegrando o átomo, possibilitaram a destruição impiedosa de duas cidades e, com isso, lograram que o resto do incêndio aparentemente se apagasse.

Ai, dos que promoveram essa carnificina, porque semearam para a destruição!

Ai, desses homens, que Deus se compadeça deles, porque não sabem o que fizeram!

Quando se reuniam os poderosos, para consolidar a paz, quando se juntavam diante de uma única mesa, que os deveria unir a todos, eis que velhas rivalidades ressurgiram: aliados de ainda ontem, hoje começavam a desentender-se, e reinou a desconfiança, e reinou o medo e teve início o que os homens chamaram guerra fria, funesta guerra fria que tanto ensanguentou o mundo. Os poderosos temiam-se reciprocamente, e não ousavam atirar-se uns contra os outros, mas, uns contra ou outros, utilizavam os pequeninos que estavam sob o seu mando. Durante meio século o mundo esteve suspenso na balança do terror; a qualquer momento, num simples piscar de olhos, no mais ligeiro equívoco, tudo poderia ter ido pelos ares. Uma civilização construída

com sacrifícios poderia desaparecer, como desaparece a flor, que dura apenas algumas horas.

Aparentemente, o perigo foi conjurado, os que empunharam a bandeira da justiça social não estiveram à altura dos ideais que diziam defender porque oprimiram, ignoraram a cultura dos povos que lhes estavam à mercê, seus hábitos, seus costumes e religiões. Tentaram amordaçar a consciência, como haviam feito os reacionários e obscurantistas, que eles, os revolucionários, diziam combater e, porque não cresceram no amor e na justiça, e porque não perceberam a verdadeira grandeza dos seres humanos, também seu império se desmoronou.

TUDO É MOVEDIÇO

Uma das características do mundo atual é a impermanência de suas Instituições, de seus movimentos sociais. Tudo parece ilusório, rápido: é como se de um minuto para outro, desaparecesse o chão de debaixo de nossos pés.

Com o fim do que se convencionou chamar guerra fria, se fortaleceram os poderosos que permaneceram de pé. Esse fortalecimento, ao invés de operar em prol da melhora do mundo, parece, ao contrário, realizar-se em seu detrimento. Os grandes continuam a praticar o vampirismo contra os pequenos, vampirismo na área social, vampirismo na área humana, já que os pequenos não têm o de que necessitam, ao passo que os poderosos, aliás ainda armados até os dentes, dispõem do supérfluo. O mundo continua a ser uma vasta Babel: o império soviético, desmoronado, transforma-se em um grupo de nações que cada vez mais se hostilizam em nome da sua liberdade, em nome da sua etnia, em nome da sua cultura, em nome do próprio Deus; por outro lado, remanescem as antigas rixas do Oriente Médio. Conversa-se sobre paz, discute-se a paz, proclama-se a paz, enquanto se continua a fazer a guerra. Demarches e demarches se sucedem, mas prossegue o terrorismo. Todo esse redemoinho, toda essa Babel de desordem, de turbulência, cada vez mais se espalha pelo mundo.

Eis, porque, nós outrora tão obscurantistas, nós, que outrora voltamos as costas ao Cristo, nós, empenhados, hoje, em nossa própria reforma interior, fazemos, a nossos irmãos encarnados, um veemente apelo - só os loucos se deixariam conduzir para o abismo sem esboçarem qualquer reação contra o sorvedouro que os ameaça e atrai.

É para atenuar, ou quem sabe, até evitar a sucção desse pavoroso sorvedouro que, ao lado de outras comunidades do nosso plano, queremos

dirigir-nos veementemente às almas que nos possam captar, quer através da leitura desses modestos ditados, quer através da abordagem durante o sono, ou na vigília.

V) APELO A TODOS

Se pudermos, dirigir-nos-emos a cada facção, a cada grupo, falando sua linguagem, tocando-o em suas raízes, a fim de comovê-lo e despertar seu interesse pela instituição de um mundo melhor, de uma sociedade mais feliz, de uma civilização realmente crística.

Aos muçulmanos diremos, que a verdadeira Jihad, guerra santa, se dá dentro de cada criatura, que Alah é realmente todo compassivo e que sua Misericórdia Infinita não se concilia com o derramamento de sangue, com a opressão, com o terror.

Aos cristãos das igrejas tradicionais, diremos que não é digno do Cristo aquele que conserva a cruz, ou a Bíblia, em uma de suas mãos e a espada na outra. Basta de traições, basta de deturpações, basta de adaptação dos ensinamentos do Cristo aos nossos interesses particulares ou sectários, basta de associações indébitas entre o Deus dos Universos e o Deus antropomórfico, sedento de sangue, que requer o sacrifício de Seu Filho para não aniquilar a Humanidade por crimes que não teriam sido cometidos por ela e, sim, por seus primeiros pais. Voltemos ao espírito do Evangelho, identifiquemo-lo com a sabedoria antiga de todos os povos, que Jesus veio tornar conhecida, ao mesmo tempo, iluminando-a e, em muitos pontos, transcendendo-a. Saibamos que é crime ocultar a Verdade, que é crime voltar as costas Àquele que nos chama, como o pastor chama as suas ovelhas.

Que cada denominação cristã prossiga, se lhe apraz, com suas cerimônias, com seus cânticos, mas que, acima de tudo, cada cristão saiba que pertence à religião cósmica do amor e que essa religião não se compadece com ortodoxias desumanas, monstruosas, que consideram malditos aqueles que estão fora de sua linha de ação e de sua ideologia.

Aos judeus diremos que Adonai, Todo Poderoso, realmente os ama, não tem, todavia, predileção por este ou aquele povo. O Israel de Deus, é constituído, agora, de todos aqueles que buscam servi-lo; o Israel de Deus, como a Igreja de Deus, está acima de credos, de fronteiras, de pátrias; o Israel de Deus, como a Igreja de Deus, abrange a tudo e a todos num supremo, num profundo, num infinito laço de amor.

Aos budistas, conclamaremos: - Dizei ao mundo que o Nirvana não é a extinção no Nada como se pensa no Ocidente, mas é o mergulho na consciência cósmica. O desapego não é a morte da alegria, mas, ao contrário, é o cultivo da alegria interior, não passível de perturbação por nenhum acontecimento externo.

Aos verdadeiros socialistas diremos: -- Mantende-vos fiéis ao vosso ideal -- ele palpitou vivo e ardente no colégio apostólico; respeitai, porém, a liberdade, como um bem sagrado a que tudo e todos têm direito; fecundai vossas ideias com os valores profundos do espírito. Não mais considereis a religião como ópio do povo: lembrai-vos das consolações que ela tem prodigalizado, das almas que tem arrebatado ao cativo, lembrai-vos de que ela foi o sustentáculo para as comunidades que mergulharam na Diáspora e que garantiu a sobrevivência dessas comunidades enquanto culturas, enquanto valores humanos e espirituais.

A toda Humanidade encareceremos: - Unamo-nos, reconstruamos o mundo, passemos a limpo a nossa Civilização, façamos da nossa casa planetária um lar digno dos seres que o habitam e façamos, de nós mesmos, seres dignos de habitar esse lar. Respeitemo-nos, mutuamente, enriqueçamo-nos mutuamente, com as características de cada um, com as diferenças de cada um. As diferenças, que outrora chamávamos heresias, são, ao contrário, manifestações da Divindade, porque o uno se manifesta nos diversos.

NÃO MUDA A SOCIEDADE, SE NÃO MUDA O HOMEM E NAO MUDA O HOMEM, SE NAO MUDA A SOCIEDADE

Fora com todos os racismos anti-humanos e ridículos; fora com todos os imperialismos superados; fora com todas as opressões tirânicas e desumanas; fora com tudo aquilo que se oponha aos verdadeiros e profundos interesses da Humanidade; fora com qualquer tipo de injustiça, quer na área das estruturas sociais, quer no campo dos direitos humanos ou da religião; fora com todos os sectarismos anti-crísticos, porque, na realidade, eles formam como aliados ao lado do falso profeta e do “anti-cristo”.

Nossa comunidade espiritual é constituída por criaturas das mais variadas religiões: todas elas estão unidas por um ideal comum, o do crescimento espiritual; em nenhuma delas permanece a crença no inferno irremissível, todos os grupos entenderam que suas religiões são apenas manifestações parciais e, necessariamente, incompletas da Verdade Absoluta. Cada um de nós busca penetrar as raízes de suas próprias crenças e oh! maravilha, oh! surpresa, quanto mais nos aprofundamos nessas raízes, mais

nos encontramos com os adeptos das outras crenças. Hoje, reconhecemos que há uma única sabedoria permeando todas as religiões e filosofias: a busca desta sabedoria é o nosso objetivo principal e ela está, precipuamente, dentro de cada ser, porque cada ser carrega consigo uma centelha da Divindade; o Reino de Deus está dentro de vós, disse-nos o Cristo. Abrem-se novas perspectivas para o mundo, um verdadeiro exame de consciência se realiza nesse momento: é cada vez maior o número de pessoas que desejam conhecer-se, questionar-se, reformular-se, crescer.

Aproveitemos esse momento solene, único na História, para fazer, cada um de nós, a reformulação de seus passos, a retificação de seus caminhos, para nos decidirmos, em definitivo, pela paz, pela evolução. Opor-se à evolução e à paz é semelhante a arremeter contra o Himalaia: se arremetemos contra o Himalaia ficaremos despedaçados e o Himalaia continuará. Cerremos fileiras ao lado da paz e da evolução e construiremos o Céu, aqui e agora.

VI) A REVOLUÇÃO DOS MORTOS

A TECNOLOGIA E O ESPÍRITO

O século XIX parecia haver dito todas as coisas. A deusa matéria empolgava os cientistas. Julgavam eles que realmente existia a matéria compacta, que realmente dois corpos não podiam ocupar o mesmo lugar no espaço. Cara ilusão. Aos poucos, eles próprios foram penetrando a intimidade da matéria, suas sutilezas, seus abismos. Hoje o que eles consideravam compacto, inamovível, não passa de um turbilhão de vida e movimento; hoje, partículas transformam-se em ondas, ondas transformam-se em partículas. Hoje, é cada vez mais tênue o limite que separa a Física da Metafísica. Ora, não podiam aqueles que já se foram permanecer indiferentes a esse estado de coisas. Eles buscam aproveitar todos os ensejos, todas as oportunidades para tocar o Homem, para abalar suas falsas convicções e para conduzi-lo a voos mais altos. É o que acontece neste momento ímpar da História da Terra.

Já dissemos que, em meados do século passado, a Terra foi sacudida por uma revolução diferente, sem sangue, não violenta: a revolução dos mortos, capitaneada pelo próprio Cristo. Era necessário que, de uma vez por todas, fosse transposta a grande barreira que separa as diversas dimensões da vida e dos seres humanos; era necessário que os homens se convencessem de que são cidadãos do Infinito, de que continuam a existir, ainda que seus corpos se corrompam e sejam devolvidos à Natureza; era necessário que antigas afeições se reencontrassem e se conhecessem como filhas da Eternidade; no entanto, os homens, sempre ávidos de contrariar, sempre ávidos de manter seu comodismo, prosseguiram buscando a

escuridão, inventaram sofismas, insistiram em fechar seus olhos para não ver o Sol. Agora, eis que a revolução dos mortos se incrementa e se aprofunda: se é mister apelar para a tecnologia, se é mister que o Homem se convença através da máquina, que assim seja. A revolução dos mortos utiliza, agora, a área da computação, a área da eletrônica, da fisiotécnica: não lhe oponhais barreiras, aceitai-a como um prenúncio alvissareiro da Nova Era que se avizinha; breve, nós, os que já nos transferimos para o outro plano, e vós, os que aí ficais, fruiremos das delícias de nosso reencontro, e visitar-nos-emos, e permutaremos experiências, e cresceremos juntos. Todavia, considerai que as máquinas são apenas um meio e não um fim; elas são instrumentos, para que, mais diretamente, vos possamos dizer de nossa herança comum; elas são veículos, para que nossas ideias fluam de maneira mais completa, mas elas são apenas um ponto de partida. O objetivo do Plano Superior é que o Homem desperte para as suas potencialidades interiores, para as regiões desconhecidas do seu próprio ser. Allan Kardec, o grande embaixador do Cristo, o grande missionário, de que se serviram os chamados mortos para falar aos vivos, continua trabalhando, silenciosamente, a fim de que as realidades transcendentais se propaguem. Não resistais à nova onda de vida que vos sacode: a revolução dos mortos não veio destruir coisa alguma, ao contrário, veio fecundar tudo, veio chamar os homens ao grande banquete da fraternidade cósmica, veio dizer a eles que a ressurreição anunciada pelo Evangelho se faz todo o dia, que é necessário incorporá-la à nossa própria vida e realizá-la, em nós, a cada minuto. Não vejais nesse supremo esforço, daqueles que nos assistem de Mais Alto, um parque de diversões, não imiteis a sociedade frívola que, frívolamente, buscava as mesas girantes como coqueluche para os seus festins, igualmente, frívolos. Vede, na mensagem deles, a lembrança daquilo que, há dois mil anos, revelou o maior dos Mestres da Humanidade; ao lhe perguntarem: - quando virá o Reino de Deus? Ou que sinal haverá da sua manifestação? Eis o que Ele respondeu: - “O Reino de Deus não vem visivelmente, nem dirão - ei-lo, aqui ou ei-lo acolá. O Reino de Deus está dentro de vós”. Não vejais na nossa presença, qualquer ameaça às vossas crenças, ao vosso modo particular de ser, à necessidade que tendes deste ou daquele símbolo, desta ou daquela fórmula, deste ou daquele sacramento. Os Espíritos não vos querem violentar, querem unir-vos num grande abraço, no abraço da fraternidade cósmica. Ouvi-os e eles saberão como tocar-vos; eles só se opõem, de maneira veemente, a tudo aquilo que vos separe do próximo, que vos leve a uma sensação de pseudo-superioridade em relação ao outro.

Todavia, é necessário que vos façamos uma séria advertência: as forças do obscurantismo não foram banidas, quer da Terra, quer de sua psicofera; elas continuam ativas no plano físico e no Plano Espiritual; elas buscam solapar tudo aquilo de bom que a Civilização logrou construir; elas pretendem estabelecer a terra de ninguém ou o domínio da força. Atentai para os seus ardis, para as suas armadilhas, “não acrediteis em todos os espíritos, mas provai se os espíritos são de Deus”, disse-nos o apóstolo. Fazei disso a

vossa palavra de ordem, quando vos comunicardes conosco: procurai perscrutar os nossos pensamentos, as nossas intenções, buscai registrar a nossa vibração, a vibração não engana. Nesse vasto oceano, que é o mundo das vibrações, ninguém pode aparentar o que não é; o máximo que pode ocorrer é a hipnose, é a ilusão daqueles que não têm discernimento para distinguir esta, daquela energia, mas isso pode ser contornado se vos habituardes à meditação, à prece.

Se quiserdes buscar a sintonia com o Plano Superior fazei-o por vós mesmos, não acrediteis que a Eletrônica, por si só, possa suprir essa lacuna. As ondas com as quais deveis sintonizar-vos, são eminentemente espirituais, e o chamado do vosso Plano ao Plano Superior deve partir do coração e da mente unidos, não de aparelhos incompletos e, necessariamente, impotentes para as aquisições do Plano Superior. A aparelhagem eletrônica é, assim, utilizada por nós, todavia, a ela só chegam os Espíritos realmente superiores na medida em que forem atraídos pelos vossos pensamentos, pelas vossas emoções retas, pelo vosso desejo sincero de renovar o mundo.

Em suma, queremos apelar para todos no sentido de que, juntos, nos deixemos empolgar pela revolução que já está na Terra e que começou há quase dois mil anos. Estamos ansiosos, os que já partimos, pôr comunicar-nos convosco, os que ainda estais na Terra. Breve estaremos entre vós, habitando novos corpos físicos, enfrentando novas lutas, e precisamos da vossa cooperação; para isso, é mister que se prepare o mundo novo, o mundo em que as realidades do Espírito não mais sejam, apenas, utopias; o mundo em que a evolução espiritual é realmente levada a sério e é considerada como a tarefa primeira e última de todos os seres.

Atendei ao nosso apelo: necessitamos de vós. Estejamos juntos: dentro de nós já está tudo de que necessitamos e o que desejamos. Mergulhemos em nosso próprio ser, a fim de que todas as latências venham à tona e, afinal, construamos o mundo da felicidade.